

### Agradecimentos

Fernanda Reis, José Reis, Américo Blanquet, Generosa Mendes, Lina Mesquita, Sr. Ramiro, D. Mizé, Sr. Berto, José Augusto, Regina Augusto, Maria da Glória Saldanha, Maria da Glória Oliveira, Sr. Alves, Agostinho Peixoto e muitas outras pessoas que me deram algum do seu tempo em conversas mais breves, cujos nomes não registei. Álvaro Domingues, Heitor Alvelos, José Carneiro. David Doutel. MIRA FORUM.

### Apoios

Instituto de Investigação em Arte Media e Cultura (UIDB/04057/2020)  
Fundação para a Ciência e Tecnologia (PD/BD/150641/2020)  
MIRA FORUM

Exposição patente de 24 de fevereiro a 30 de março de 2024

Fotografias de Ana Miriam

Curadoria de José Carneiro

Texto de Heitor Alvelos



Direção *Manuela Matos Monteiro e João Lafuente*

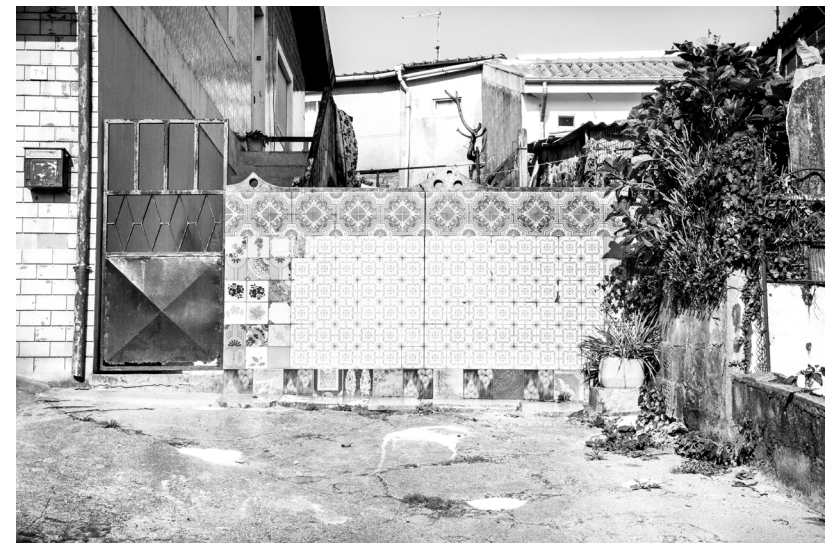
Assistente *Luísa Rosas da Silva*

Rua de Mirafior nº 149 | 4300-334 Campanhã, Porto

quarta-sábado: 15h-19h / Entrada livre!

miragalerias.net | miraforum@miragalerias.net

facebook.com/groups/miraforum | facebook.com/miraforum | @miraforum



# A CIDADE SOMBRA E O QUE NELA BRILHA

ANA MIRIAM

Curadoria: José Carneiro  
24 FEV - 30 MAR 2024

## CHAMADA À PARTICIPAÇÃO

Esta exposição é também uma proposta de relação com a cidade, um convite à apropriação, enquanto exercício de participação na interpretação, na representação e no devir da cidade. Assim, convidam-se as/os cidadãs/ãos a observar a cidade e a participar nesta exposição com os registos visuais das suas observações, reflexões, encontros, diálogos.

Numa cidade profundamente transformada, onde podem as/os habitantes reconhecer significado, sentido e possibilidade? Que imaginários podem ser construídos, para além dos desígnios, das representações e das linguagens do mercado global?

As imagens participantes serão publicadas online e projetadas na galeria, no último dia da exposição, no qual haverá um evento de encerramento. Os contributos deverão ser enviados até 23 de março, para: chamada.cidade@gmail.com

## NOTA BIOGRÁFICA

Ana Miriam é fotógrafa e investigadora. A sua atividade tem-se desenvolvido entre a prática, o ensino e a investigação na área das artes e da cultura visual, com destaque para a fotografia e para os projetos editoriais. Os seus interesses de investigação e a sua produção artística centram-se nas dinâmicas de produção, percepção e representação do espaço urbano e em particular do espaço público, na interceção das suas dimensões sociais, estéticas e políticas. A sua produção visual e escrita tem sido disseminada através de comunicações, publicações e exposições em diferentes contextos.

É bolsreira da Fundação para a Ciência e Tecnologia e membro do Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura (ID+) e do Centro de Estudos em Arquitetura e Urbanismo (CEAU).

## A cidade sombra e o que nela brilha

As fotografias de Ana Miriam Rebelo são um convite a reconhecermos um outro Porto: um Porto frequentemente ofuscado por exercícios e estéticas de branding, de experiências, de turismo, de uma autenticidade traída pela tentação de ser produto de consumo, ou pela necessidade de o ser para sobreviver.

Quem habita o quotidiano do Porto conhece este outro Porto que Ana Miriam nos re-apresenta e convida a reconhecer, a legitimar e dignificar. E surpreendentemente, fá-lo precisamente evitando as armadilhas da fetichização e hiper-visibility que vão grassando por entre territórios contíguos. Não se trata aqui de romantizar o que entrevemos na penumbra que permeia as políticas urbanas cintilantes: trata-se sim de elevar o nosso próprio grau de exigência para com a nossa percepção da cidade, dissipando as expectativas redutoras, equivocadas, que têm pousado sobre termos como “criatividade” e “tradição”.

As imagens que compõem esta exposição documentam lugares, mas o olhar atento da autora acrescenta-lhes algo essencial: a evidência de que estes ecossistemas discretos possuem uma espécie de erudição irredutível, intraduzível para linguagens transaccionais – e consequentemente a consciência de que o acto fotográfico que neles pousa só pode ambicionar a ser um relance.

Será por conta desta irredutibilidade que os lugares aqui documentados, honrados, ficam de fora do léxico iconográfico de primeira linha que a cidade propõe. Estes territórios não se deixam domesticar: permitem-nos apenas um vislumbre, uma vaga ideia da sua densidade enraizada, enrugada, cavada, labiríntica. Não lutam pelo protagonismo: transcendem-no. Por vontade própria, intuo, querem manter-se na penumbra. E ainda bem.